

# humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA  
MCMLXXI-MCMLXXII



Noto que entre as leituras renascentistas de Erasmo, e com directa influência no tom dos *Colloquia*, falta na p. 44 a menção de Ioannes Iouianus Pontanus, não menos «lucianesco» que o próprio Erasmo.

O terceiro capítulo, «The letters of Erasmus», é de J. W. Binns, e lê-se desenfatiadamente. O A. recorda que sobreviveram cerca de 1600 cartas escritas por Erasmo e analisa os diferentes géneros do epistolário erasmiano. Apesar do seu tom voluntariamente desprezioso, muitas das cartas revelam preocupações morais com a vida e com a morte. O pensamento do final da existência terrena provoca com frequência no humanista a floração do melhor da sua filosofia cristã.

O quarto capítulo, de B. Hall, «Erasmus: Biblical Scholar and Reformer», ao contrário do que seria de supor, é dos mais acessíveis e de leitura mais agradável. Que diferença entre a exposição de Hall e a de alguns daqueles que, entre nós, mais recentemente, se vêm ocupando de Erasmo na Cultura Portuguesa! De alguma coisa serve ler Erasmo no original! E também não admira que esses tais votem contra o latim, quando chamados a pronunciar-se sobre o seu valor!

Pertence a D. F. S. Thomson o capítulo «V — The latinity of Erasmus». Aí se tenta caracterizar o estilo de Erasmo, estilo rico, variado, sem receio do vocabulário e construções poéticas, de palavras tardias e bíblicas e de criações renascentistas, mas acima de tudo ductilmente erasmiano. Thomson cita, entre as inovações do roterdamês, a latinização duma palavra germânica para designar «amarelo», cor pouco definida no vocabulário latino. Assim, ele criou *gilvus*.

Finalmente, ao editor desta colectânea de estudos, T. A. Dorey, coube o último capítulo: «VI — The Middle Ages, Erasmus and the Modern Reader», uma análise estilística muito mais da tradição medieval inglesa da historiografia latina do que de Erasmo. Sobre este, o A. escreve: «As suas opiniões sobre educação eram progressivas e humanas, e mais de acordo com a visão educativa do nosso tempo, do que muitas das ideias da Inglaterra vitoriana» (p. 156).

Enfim, um bom livro com alguns capítulos excepcionais, dependendo a escolha das preferências do leitor. Impressionaram-me, particularmente, o primeiro e o quarto.

A. C. R.

**ODETTE SAUVAGE, L'itinéraire Érasmien d'André de Resende (1500-1573).** Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1971, 196 páginas.

Vimos atrás dois livros cuja publicação foi certamente determinada pelas comemorações do quinto centenário do nascimento de Erasmo, realizadas em 1969. O presente livro de Odette Sauvage, distinta investigadora do Humanismo em Portugal (1), deve juntar a esta intenção uma outra: a do quarto centenário da morte

(1) Cf. A. COSTA RAMALHO, «A propósito de Luísa Sigeia», *Humanitas* XXI-XXII, 1969-70, 403-414.

de André de Resende, que passa em 1973. Assim, na mesma obra, podem coexistir duas intenções. Com efeito, André de Resende faleceu em 9 de Dezembro de 1573. E, se as conclusões do meu estudo «Lucius Andreas Resendius. Porquê Lucius?» (1) estão certas, teria nascido a 13 de Dezembro de 1500.

Odette Sauvage reuniu neste volume os textos de Resende em que este se refere a Erasmo e às suas doutrinas e verteu-os para francês. De dois deles, o *Carmen eruditum et elegans Angeli Andreae Resendii Lusitani aduersus stolidos politioris litteraturae oblatratores* (1530), depois conhecido por *Encomium Erasmi* (2), e da *Oratio pro Rostris* (1534), pronunciada na Universidade de Lisboa (3), havia traduções portuguesas recentes. Mas a versão de O. Sauvage é um trabalho independente.

Quanto um livro deste género pode ser útil, tive ainda há pouco ocasião de verificar, ao redigir o artigo sobre André de Resende para a *Enciclopédia Verbo*. Por isso, todas as minhas observações subsequentes são oferecidas à A. em cordial espírito de colaboração. Umas são de carácter cultural e por elas começarei; outras dizem respeito à tradução.

A ignorância de latim de Damião de Góis (p. 91, n. 1) não devia ser tão completa como a A. supõe. Estamos hoje melhor informados sobre o latim em Portugal, no começo do século XVI, especialmente na corte que Damião de Góis frequentou desde muito novo. Graças aos estudos sobre Cataldo Parisio Sículo, torna-se impossível pensar que não aprenderia latim na corte um rapaz dotado, quando a língua latina era aí ensinada até a meninos pretos (4). Do que D. G. precisaria certamente era de recordar e polir o seu latim.

Também o ambiente universitário lisbonense era menos conservador do que se supõe. Houve no começo do século XVI uma autêntica querela gramatical (5) entre os tradicionalistas e os inovadores, estes de formação renascentista, como pode ver-se no «Prologus» da *Ars Virginis Mariae* (1516) de Estêvão Cavaleiro, de que a A. só conhece a gramática, ainda nos moldes de Pastrana, publicada em 1493 (p. 131, n. 4). Por isso, nem todos os professores continuavam «fiéis ao espírito escolástico e sentiam desconfiança de qualquer reforma pedagógica», como O.S. supõe, na p. 101. Aliás, a primeira defesa do latim humanístico e da nova cultura foi feita por Cataldo em 1499 (ver nesta revista p. 439).

Henrique Caiado foi discípulo de Cataldo, mas provavelmente por pouco tempo e talvez em Lisboa, e não em Bolonha, como escreve a A. na p. 130 n. 2.

(1) *Ibidem*, 353-363.

(2) WALTER DE SOUSA MEDEIROS e JOSÉ PEREIRA DA COSTA, *André de Resende, Elogio de Erasmo*. Lisboa, 1961.

(3) MIGUEL PINTO DE MENESES e A. MOREIRA DE SÁ, *André de Resende, Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*. Lisboa, 1956.

(4) Cf. A. COSTA RAMALHO, «A tradição clássica em *Os Lusíadas*», *XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ciclo de lições comemorativas do IV Centenário da Publicação de Os Lusíadas*. Lisboa, 1972, p. 14.

(5) Id., «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas*, XXIII-XXIV, 1971-72, pp. 444-447.

André de Resende estava na melhor tradição clássica (p. 149 n. 1), ao falar de *Thalia* como musa em geral, e não da Comédia. Recordo o conhecido passo de Virgílio (*Ecl.* VI,2) em que ela é a musa bucólica e a informação de Eduard Fraenkel, no seu *Horace* (vide «Índice»), sobre a possibilidade de qualquer musa representar todas as outras.

Ocupar-me-ei agora de alguns passos latinos e da sua versão.

Na p. 22, «...*ut posthac acerba et inculta carmina discant domi contineri, et donec pluteum caedant non excedere*» é traduzido por «... apprennent à l'avenir à rester chez eux et à n'en pas sortir avant d'avoir martellé le rebord du lit». O convívio com Cataldo Sículo ensinou-me que o *pluteus* dos humanistas é a sua mesa de trabalho ou estante móvel com que são tantas vezes representados nas gravuras dos fins do século xv e começo do seguinte. Portanto, os poetas, se na sua impaciência em alguma coisa martelam (i.e., dão murros), essa é a mesa de trabalho...

Por curiosidade, recordarei que há um eco do passo de Pérsio (I, 106), citado por M.<sup>me</sup> Sauvage, em *mordendis unguibus, caedendo pluteo* da carta de Clenardo, transcrita na p. 184.

Na p. 68, vem uma interrogação que se desenvolve no verso 346 e primeiro hemistíquio do verso 347:

*Chirurgi quid enim dextra non cogit amator,  
Sectio cui dura est?*

A A. justifica, na n. 2 da p. 68, para estes versos a tradução seguinte: «Quels reproches ne rassemble pas sur la main du chirurgien l'amoureux pour qui l'amputation est cruelle?»

Na referida nota afirma: «Ces vers sont rendus peu clairs par la présence du mot *amator*».

O passo é, de facto, bastante difícil, mas atrevo-me a propor um aperfeiçoamento da tradução, vertendo: «Que é que não agarra (*ou* aberta), com a (*ou* na) sua mão direita, o amante para quem é duro o corte do cirurgião?».

O *amator* aberta com a (*ou* na) mão seja o que for, para dissimular a dor que a operação provoca. Mas, operação de quem? Alheia ou sua? *Amator* parece sugerir a operação em outrem. Todavia, creio que se trata de intervenção cirúrgica no próprio *amator* e que este derivado de *amare* alude ao comércio de Vénus, a doença venérea que exigia a operação. A sífilis foi um flagelo da época.

Na p. 86, parece-me preferível a tradução dos dois versos finais, dada na página seguinte em nota.

Duas ou três «gralhas» são inevitáveis em livros de erudição, como o presente: na p. 128 n. 3, a data deve ser emendada para 1298; na p. 136, o ano é MDXXXIII ou MDXXXIV.

A. C. R.